

Nº 14 - JANEIRO / JUNHO 2013

MAIS
TMJB

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

Timão de Atenas

Última encenação de Benite

CATARINA NEVES

Teatro Municipal Joaquim Benite:

O ano zero de um recomeço

AUGUSTO SEABRA, JORGE SILVA MELO,
JOSÉ MÁRIO SILVA, MANUEL GUSMÃO,
MIGUEL REAL E FILOMENA OLIVEIRA

Programação

2013: um percurso de afectos

RUI LAGARTINHO



Substituir o insubstituível

Como é que se substitui o insubstituível? Durante os próximos anos este paradoxo pairará sobre nós.

Em 1971 Joaquim Benite, juntamente com um grupo de jovens liceais, fundou o Grupo de Campolide. A ditadura estava caduca. Por todos os lados ia pulsando já a Revolução que lhe daria o piparote final. Liderado por um audaz (e temível) crítico de teatro que ainda não chegara aos trinta, esse grupo de jovens — com irreverência, criatividade, e alguma alegria à mistura — fundou um dos mais importantes projectos da Renovação do teatro português. Vem 74. Segue-se a aclamação do Grupo no Teatro da Trindade. Noites em que só não se passava dos trezentos espectadores quando havia futebol. Depois a descentralização cultural. 1978. O Grupo foge da burguesa Baixa/Chiado para Almada. Operários. Um público novo. Benite estreia um tal de José Saramago (*A noite*), um perfeito desconhecido. Anos 80. Para mostrar o trabalho de animação cultural levado a cabo com os grupos de teatro do concelho, a Companhia de Teatro de Almada cria, juntamente com a Câmara da cidade, o Festival de Almada, no Beco dos Tanoeiros. A população acha graça. Empresta as cadeiras lá de casa para a plateia. O nosso público não mais nos largaria. Meados de 80 e Portugal na CEE: dinheiro a vir a rodos da Europa e a Companhia perde o apoio da SEC. Joaquim Benite inaugura o antigo Teatro Municipal e aumenta o ordenado dos actores. (Ele era assim, o Joaquim). Chega-se a fazer três espectáculos por dia. Tempos difíceis. Depois o sonho do Teatro Azul. A aclamação internacional (primeiro) e nacional (depois). Os prémios, as Comendas. 2006, inauguramos esta casa. Programações anuais. Teatro, sempre. E bailados e sinfonias (e fado e *rock* e *rap*). Salas repletas. Noites memoráveis. O resto já vocês sabem.

Como é que se substitui o insubstituível?

Esta Programação 2013 foi desenhada por ele. As produções da Companhia: uma peça sobre um director de um teatro que tinha um pacto com o Diabo, a quem passara a perna para viver mais uns anos. (O Joaquim também era assim). Quanto aos acolhimentos, temos mais oito do que no ano passado. Números. “Mas os espectáculos são bons?”, perguntaria ele. Tornamos a colaborar com alguns criadores e instituições que estão connosco desde o início desta casa, que agora leva o seu nome. Convidámos os mais novos. Arriscámos, como o Joaquim sempre fez.

Quando Joaquim Benite veio para Almada, em 1978, tinha 35 anos e instalou-se numa colectividade. Fazia ainda jornalismo, e uma grande parte dos jovens que o acompanhavam, armados com copiográficos stencil e uma determinação indomável, era ainda amadora. Aos 31 anos, cabe-me liderar (ele assim o determinou) uma das mais bem preparadas equipas do teatro português — a sua. Um colectivo instalado num dos melhores teatros do País — o seu. Mas não tenho o Joaquim. Mas não o tenho a ele. Hélas. Não se pode substituir o insubstituível.

Rodrigo Francisco
Director do TMJB

Programação 2013 Um percurso de afectos

RUI LAGARTINHO
JORNALISTA

Em 1978, tinha eu doze anos, descobri que tinha um teatro ao fundo da minha rua. Chamava-se Grupo de Campolide. Não tinha como não me cruzar com a trupe – a sala de cinema da quase centenária Academia Almadense tinha sido abandonada com a inauguração de uma moderna sala contígua, e o espaço passou a acolher teatro, por uma escada que também dava acesso à biblioteca da Academia com que eu colaborava – e a curiosidade para perceber de onde vinham e ao que vinham era imensa.

Desses anos pioneiros lembro-me de ir com a escola ver a peça *1383*, uma crónica histórica da revolução medieval portuguesa escrita por Virgílio Martinho, e do João Guedes a protagonizar o *Santo inquérito*. E a estreia do actor Alberto Quaresma nas travessuras de Till Eulenspiegel. Depressa me tornei conhecido de quem por ali passava tardes e noites inteiras. Via o que queria, quando queria, podia convidar amigos. Com o incentivo de Joaquim Benite e a Maria Laita na bilheteira tinha sempre as portas do teatro abertas. Vi *A noite* de um José Saramago que ainda tinha o *Memorial do convento* no tinteiro, peças do dramaturgo de Almada, Romeu Correia, entre elas *Tempos difíceis*, pequenas peças de Eugene O'Neill, e fiquei a saber o que era uma sala estúdio quando nos sentámos no palco a um palmo de distância de Luís Vicente em *Zoo story* de Edward Albee. De vez em quando o antigo primeiro-ministro Vasco Gonçalves vinha ao Teatro, a minha mãe chorava e eu corava um pouquinho de vergonha, mas essa é outra história. Não comecei a ver teatro com o Grupo de Campolide, mas foi com esta Companhia que cresci como espectador e como jovem já exigente em termos de cidadania.



Teresa Gafeira e Pedro Lima protagonizam *O pelicano*, dir. de Rogério Carvalho

Foi por isso que senti que com a morte do Joaquim — surpreendentemente, porque algo que não queremos, não queremos mesmo e sim, acreditamos até prova em contrário, na biologia, na ciência médica — me tinha sido arrancado um bocado de vida. Esta é uma história pessoal de uma educação por um mestre, e tenho a certeza de que centenas de testemunhos de outros “alunos” do Benite podem ser recolhidos. Nos últimos vinte anos juntei à condição de espectador a de repórter de ensaios e estreias. Sabia que ao Joaquim a minha opinião não lhe era indiferente e isso enchia-me de orgulho. Ele preferia que estivéssemos de acordo sobre esta ou aquela opção mas, se não fosse o caso, não se zangava. Esta temporada do Teatro Municipal Joaquim Benite, que aliás já começou com a estreia de *Timão de Atenas*, foi a última que desenhara quase integralmente. E nas peças deste puzzle, era esta a sua definição de programar, está o seu cunho, estão as suas gentes, os seus amores, as suas homenagens, a sua forma de olhar para o mundo e convocar uma cidade a fazê-lo. Para mim percorrer esta programação é atravessar um atlas de afectos.

Em Maio regressa *A purga do bebé* uma comédia de Georges Feydeau. É o regresso aos palcos da actriz Teresa Gafeira, aos palcos da sua companhia de que esteve afastada durante quase três anos. É a primeira das reposições, ao ritmo de uma por ano, das encenações marcantes dos últimos quarenta anos, feitas por Joaquim Benite. Brecht, Gorki, Bernhard seguem-se.

Teresa Gafeira regressa ainda em *O pelicano* de August Strindberg. A nova criação a estreiar durante o Festival de Almada é o regresso à cidade de uma das duplas de criadores mais coerentes das últimas quatro décadas do teatro português. A que junta o encenador Rogério de Carvalho e o cenógrafo José Manuel Castanheira. Para ambos um retorno: do encenador ao dramaturgo com que se estreou, do cenógrafo a uma peça já encenada no Teatro da Graça com Isabel de Castro no elenco com encenação de Gastão Cruz. É do poeta a tradução a utilizar em Almada. A assinalar o centenário do nascimento de Álvaro Cunhal, uma dramaturgia sobre o julgamento que o levou à sua mais longa prisão na década de cinquenta. *Um dia os réus serão vocês* é uma ideia original de Joaquim Benite que Rodrigo Francisco dirigirá. Estreia a 25 de Abril, quando *Negócio fechado* de David Mamet uma parábola sobre os absurdos do mundo imobiliário e do capitalismo estiver na sua última semana. Vai ser curioso ver as peças lado a lado.

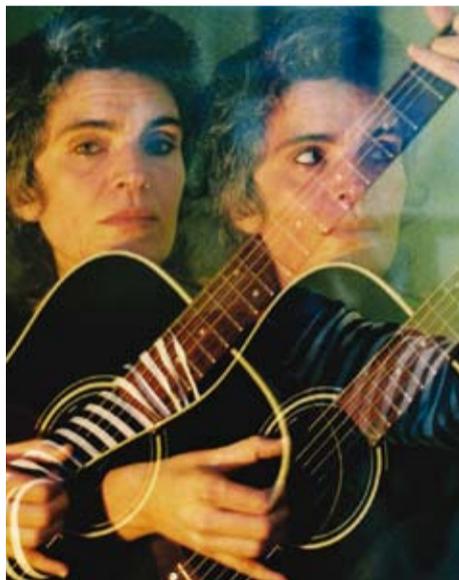
Desde sempre o Teatro Municipal Joaquim Benite foi palco de acolhimento de novas criações de peças em digressão. É uma parte importante da mancha do puzzle. Luís Vicente traz para o palco de Almada as confissões de um rapaz em *Cavalo manco não trola*. O monólogo produzido pela Companhia de Teatro do Algarve permite descobrir o teatro intimista do espanhol Luís del Val. Outra descoberta: o dramaturgo Pau



A Orquestra Gulbenkian apresenta dois concertos sinfónicos na Programação 2013 do TMJB



Dias felizes, pelo TNSJ, direcção de Nuno Carinhas



Lula Pena actua pela primeira vez no TMJB



Olga Roriz estreia em Almada a sua próxima criação



Gil Vicente na horta pelo TNDM II, dir. de João Mota

Miró traz as vozes do povo do Bairro do Raval em Barcelona. Jorge Silva assina uma das encenações que o Teatro dos Aloés traz a Almada. A outra é **O ensaio ou o café dos Artistas** do argelino M'hammed Benguetaff com encenação de José Peixoto. Há muito que como espectador me reconforto com uma máxima: "Não vi quando estreou, vou ver a Almada". Vai ser o caso dos dois monólogos protagonizados por Diogo Infante e Ivo Alexandre: **Preocupo-me, logo existo**, de Eric Bogosian, e **Adalberto Silva Silva**, de Jacinto Lucas Pires. Sou fã do poeta João Monge, incondicional de Maria João Luís. Não vou por isso perder **Chão de Água**. É a primeira vez que a companhia Teatro da Terra, de Ponte de Sor, está em Almada.

Há muito que o Teatro Azul ganhou a preferência das companhias nacionais. Da programação do Teatro Nacional D. Maria II, mais um espectáculo que não vi e que aqui inicia digressão: estou curioso acerca deste regresso de João Mota ao teatro vicentino com **Gil Vicente na Horta**. Do Teatro Nacional S. João, aquela que, apostamos, será a Winnie do ano: Emília Silvestre em **Dias felizes**, de Samuel Beckett, encenação de Nuno Carinhas. Ao longo da história da Companhia de Teatro de Almada há pelos menos duas Winnie inesquecíveis: Giulia Lazzarini, que numa encenação histórica de Giorgio Strehler inaugurou o Teatro Municipal de Almada em 2006. Já no velhinho teatro municipal Teresa Gafeira tinha feito a mesma personagem. Esse teatro, que rebentava sempre pelas costuras, abriu com **Dona Rosinha a solteira**, de Garcia Lorca – outro grande papel de Teresa Gafeira – e desde aí temos saudades de ver em Almada outra heroína forte de Lorca. **João Garcia Miguel**, que aposto viu o espectáculo de que falo, traz **Yerma** a Almada. E outra teia de afectos faz-me ligar desta vez Ferruccio Soleri (que ao Festival de Almada trouxe o seu **Arlequim servidor de dois amos** de Carlo Goldoni) à sua **A estalajadeira**. Os **Artistas Unidos** e Jorge Silva Melo a um teatro e a uma equipa com que gosta de trabalhar e ser apapariado, e a um público que sempre o recebe de braços abertos. Como eu o compreendo.

Desde que o Teatro Municipal de Almada abriu que a sua programação se alargou à música. As orques-



Criado em 2012 o ciclo Sala Experimental proporcionou a dez jovens criadores a possibilidade de se estrear. Mais do que financiar um espectáculo, esta iniciativa estimula o desenvolvimento de técnicas de criação – na sua vertente artística, técnica, publicitária e financeira. Em 2013 participam neste ciclo os criadores **Bernardo Chatillon, João Mamede e Pedro Loureiro, Maria Ramos, Rita Calçada Bastos, Rita Figueiredo, Sandra Hung, Telma Santos, Tiago Cadete e Raquel André** e os grupos **Silly Season e Teatro ABC.PI**.

tras em especial são sensíveis às boas condições de acústica e de produção do palco. Em 2013 a melhor orquestra do País, a da **Gulbenkian**, estará em Almada com dois programas sinfónicos distintos. A Metropolitana também, com um deles a cargo da Orquestra da sua Academia. De Vivaldi a Barber, há todo um arco da história da música que fica preenchido. Nos concertos para um público mais jovem, ou à descoberta em qualquer idade, destacam-se as actuações da **Orquestra de Câmara Portuguesa** em torno de Beethoven e ainda a **Companhia de Ópera do Castelo** com histórias da ópera. Dois dos projectos mais estimulantes e recentes de redescoberta do barroco feito em Portugal, a **Orquestra Divino Sospiro**, aqui com o Coro Gulbenkian, e os **Músicos do Tejo**, actuam em Almada, com reportório e solistas a não perder. Atenção à celestial **Ana Quintans**.

Na dança destaca-se uma nova proposta de **Olga Roriz**. A partir da **Sagração da Primavera** a coreógrafa estreia em Almada uma peça mais íntima em tema de uma obra que conhece bem e na qual desta vez dirige e dança. Vera Mantero e Benvindo Fonseca apresentam novos trabalhos. E em Dezembro a Companhia Nacional de Bailado traz mais uma princesa aos palcos. Desta vez Cinderela. Outras músicas: na "cota", artistas com ligação a Almada: **Sara Tavares** e os **UHF**. **Lula Pena**, que começou o ano com concertos esgotados no Chile, vem a Almada em Março. Outro trovador que se assume do mediterrâneo, **Janita Salomé**, actua em Maio. Ao todo são quase sessenta propostas diferentes que tornam a programação apelativa a todos os públicos e fora da capital, um caso único no país. Estejas onde estiveres, Joaquim, podes orgulhar-te!



«Timão de Atenas»

A última encenação de Joaquim Benite

Um homem vive rodeado de falsos amigos, de quem aceita todas as lisonjas em troca de benesses, favores, pequenas ajudas e grandes jantaradas que oferece sem olhar a orçamentos. Enredado em constantes jogos de poder mantidos com os que o frequentam, é um consumidor compulsivo de poderes exercidos sobre todos eles. Assim começa Timão de Atenas, a peça com que Joaquim Benite se despediu do Teatro e da Vida, que Luís Vicente protagoniza, e cujos ensaios Catarina Neves filmou, e conta como foi, antecipando um documentário que tem estreia marcada para o próximo Festival de Almada.

“Os grandes textos são perigosos”

Entrevista com Luís Vicente

CATARINA NEVES

JORNALISTA. DOCUMENTARISTA

Como foi voltar a Shakespeare?

De todas as peças que já fiz, *Timão de Atenas*, foi para mim a mais complexa, técnica e filosoficamente. E, contudo, era aquela que, em princípio, parecia sê-lo menos. Ionesco diz uma coisa muito interessante: “Criadores só há dois: Deus, que criou o Mundo, e Shakespeare, que criou a Humanidade”.

Como nasceu este projecto?

O Joaquim tinha, em Mérida, trabalhado uma adaptação deste texto. Eu fui lá ver o espectáculo, e nessa ocasião o Joaquim disse-me que gostaria muito de fazer o original, o de Shakespeare, e perguntou-me se eu queria fazer o Timão. O André Gomes, que tem junto à boca um coração do tamanho do Mundo, estava presente e disse: “Ó pá, aceita que eu faço de colunial!” – e referia-se ele a uma opção cenográfica a que o Joaquim e o Jean-Guy Lecat tinham chegado para significar o isolamento de Timão.

De que forma este texto nos diz respeito?

Nenhum texto que o Joaquim decidisse levar à cena estava ausente de um sentido de reflexão sobre a contemporaneidade. Nesta peça há frases emblemáticas, como, por exemplo, aquela que diz que por causa do ouro, isto é, do dinheiro, “se tiram as almofadas aos doentes antes do tempo”. E não é também um problema de hoje? O que o Governo está a fazer com Serviço Nacional de Saúde, não é isso? Depois, de um modo mais lato, o texto refere-se, e a encenação acentua-o, à mercantilização de tudo, mesmo das relações entre as pessoas.

O ouro é um tema central no texto?

O ouro é que rege o destino dos homens. O compromisso de cada um com o seu semelhante, que deveria ser algo de honrado e nobre, resulta envenenado pela força do ouro, pelo poder do “suave regicida”, como lhe chama Timão. É isto que os grandes textos têm de “perigoso” e que algumas encenações acentuam: a consciência de que, muitas vezes, os povos são governados por gente de má índole.

No que é que Timão acredita?

Podemos conceber que Timão confunde adulação com amizade, e neste sentido podemos vê-lo como um mecenas generoso, excessivamente generoso – bondoso como dele diz Flávio, *ingénuo* como dele diz

Apemanto. Portanto, um mecenas que de modo perulário desregrado, atende à avidez dos seus falsos amigos. Podemos também conceber que se trata de um ser transtornado, com um défice considerável de lucidez que lhe perturba a existência. Podemos conceber mais, dentro do cânone, digamos, académico. A leitura do Joaquim Benite convida a um outro tipo de abordagem e reflexão – como era seu hábito, aliás, sua matriz: pensar *fora da caixa* –, apelando mais à dimensão trágica da personagem, a qual, de acordo com o cânone académico, ela parece não ter. Timão já não acredita em nada, excepto na Natureza. Filosoficamente é um cínico.

Como entende Timão a amizade?

Para o Joaquim, no momento em que a peça começa, Timão já está consciente da volubilidade da suas relações. É a leitura que fazemos a partir logo da sua primeira fala, quando lhe é comunicada a prisão de Ventídio. Portanto, é legítimo considerar que Timão, a dado momento, concebe um plano: afastar-se da sociedade humana. Depois, num segundo momento, após o encontro com Apemanto, que o vai visitar ao deserto, é que ele concebe a sua própria morte. Neste sentido, ao que o espectador assiste no desenrolar da narrativa, é à confirmação de um ponto de vista sobre as relações entre as pessoas, enfim, sobre a Humanidade. Evidentemente que há detalhes que – não o quis o Joaquim, e o Rodrigo prosseguiu esse exacto caminho – não são completamente desvendados na representação, que são apenas sugeridos.

O que faz Timão procurar a morte?

Acho que um excesso de consciência, numa dimensão de tal modo trágica em que o Ser já não pode repousar sequer nalgum plano menos desconfortável da existência. Há momentos da peça, que remetem para alguns aspectos caros aos existencialistas. Aliás, durante os ensaios, ainda com o Joaquim, falámos de *O homem revoltado*, do Camus. Timão, acho eu, concluiu o seu conhecimento acerca da natureza humana e descobriu que há heróis que não têm estatuto para as tragédias que lhes ocorrem.

No final da primeira parte Timão surge nu.

O Joaquim tinha-me falado do seu entendimento acerca desse aspecto da nudez, mas não definiu com exactidão em que ponto é que ela iria acontecer, ou se iria mesmo acontecer. A dado momento dos ensaios, já o Joaquim tinha falecido, o Rodrigo “pisca-me o olho” a propósito de tal hipótese em determinado momento, e foi para mim claro que fazia todo o sentido: tratava-se de deixar bem marcada a atitude definitiva e radical do corte de Timão com a sociedade humana, com o corpo voraz das regras, a seu ver hipócritas. Então, despoja-se e parte para o deserto, não sem que antes lance uma praga na qual diz claramente que da cidade nada mais quer se não a nudez.

Foi a última oportunidade de trabalhar com Benite.

Trabalhou até ao fim. Com uma lucidez de espírito notável e uma coragem física rara. O Joaquim disse uma vez uma frase que nunca mais esqueci: dedicarmo-nos à nossa arte, à Arte do Teatro, “exige muito trabalho e honesto estudo”. Foi assim em tudo e também no *Timão*.

Posso entrar?

Venho com uma câmara de filmar e uma vontade enorme de vos ver crescer, de crescer convosco, todos guiados por Benite, aos poucos, Joaquim também para mim. Abriam-me a porta e eu entrei. Na verdade, já tinha entrado em 1996 quando, pela primeira vez, fiz a cobertura do Festival de Almada para a TSF. Quando soube que o Joaquim estava doente, voltei a sentir a urgência de estar com ele. Acreditava que voltaria a encenar. Voltou. Semanas antes, em Setembro, partilhei com Rodrigo Francisco, a vontade de registar o regresso de Joaquim Benite à encenação. A peça escolhida era apenas mais um estímulo: um texto de Shakespeare jamais representado em Portugal.

Acreditava que Joaquim ia aceitar. Temia a reacção dos actores, bichos frágeis na grandiosidade de entender outras vidas e de se saber entregar, primeiro ao encenador, depois ao público. Mas também sabia que se Joaquim embarcasse, os 14 actores que tinha escolhido para trabalhar consigo confiariam no timoneiro. Nem sempre é assim. Com Benite era assim. Pedi-lhes que me deixassem filmar tudo. Que se esquecessem de que eu estava ali. Apareci sempre que consegui. Os sonhos tornam-se realidade tantas vezes só porque a vontade é maior que a falta de liquidez na hora certa. Mas o dia não estica e é preciso cumprir um horário de trabalho noutro espaço. Gravei mais de 30 ensaios. Cerca de 200 horas. Palavras, gestos, ansiedades, alegrias, queixumes, celebrações, inseguranças, descobertas, vitórias.

Saber o texto é tarefa árdua do actor obrigado a fazer nascer a personagem em corpo de gente que vive como a gente, mas que nos inquieta, a cada um, como mais ninguém. Decorar para sentir. Joaquim sentou-se tantas e tantas vezes com os actores, partilhando contextos, interpelando consciências. O corpo cansado e doente, a vontade viva e lutadora. Agarrado a uma cadeira de rodas, mas voando num palco onde ia desenhando movimentos com significado, como um *puzzle* que se vai construindo por tentativas, experimentando. Não gesticules tanto. Encontra a energia. Entende o que estás a dizer. Diz todas as letras de cada palavra. Dá-me a tua opinião. Saboreia cada momento. Trabalha. Estuda. E trabalha ainda mais um pouco.

Onde poderemos conversar gravando, sem ser no teatro?, perguntei-lhe um dia. Olhou para mim em silêncio e devagar: “A minha vida é o teatro e no teatro”. Lá se pensou numa ida à Ericeira. De manhã, iríamos ao mercado escolher o peixe para o almoço. Joaquim adorava cozinhar e comer! Soube depois que queria contar histórias novas, partilhar momentos únicos, relembrar. Entrou no hospital quatro dias antes do Domingo combinado. Ainda me pediu desculpa, ao telefone. Não o voltaria a ver.

Posso entrar? Desculpem o meu ligeiro atraso. Vim para ficar.

Catarina Neves

O sonho americano em português

GIL DOS SANTOS
TRADUTOR

Negócio fechado (no original, Glengarry Glen Ross), de David Mamet, marca a estreia absoluta em Portugal da peça com que o dramaturgo norte-americano ganhou o Pulitzer em 1984 e que viria a transpor para o cinema em 1992, com Jack Lemmon, Al Pacino, Alec Baldwin e Kevin Spacey nos papéis protagonistas. Impiedosamente realista, a peça retrata a sociedade americana na época da criação da bolha imobiliária que esteve na origem da actual crise financeira, catapultando para a cena dois dias na vida de uma agência imobiliária suburbana e pouco escrupulosa.

A adaptação da peça de Mamet para a realidade portuguesa tem a dificuldade acrescida de se tratar de um texto de Chicago, com personagens de Chicago, que falam absolutamente como pessoas de Chicago. A forma hiperrealista como Mamet as põe a falar é tão característica que ficou conhecida como “Mametspeak” (*falar à Mamet*). No entanto, a ganância, a cupidez e a injustiça que grassam nas sociedades que as promovem não são particularmente americanas. O paralelo estabelecido por Rodrigo Francisco com o Portugal dos anos 90 é, por isso, cabal e fiel à natureza fundamental do texto. A sociedade portuguesa encontrava-se, nessa altura, embebida numa espécie de embriaguez do progresso e dos proventos, provocada pela abertura das fronteiras aquando da adesão à Comunidade Europeia e o influxo de imigrantes de Leste e do Brasil. Portugal era um país rico, onde se podia ser rico e Europeu. *Homo homini lupus*, que já se dizia em latim, acaba por ser tão verdade em Chicago como na Costa da Caparica.

Um carro, uma casa, uma vida

O trabalho, sempre o trabalho. O sonho americano, peça central da identidade dos Estados Unidos da América, une e enforma as vidas dos seus cidadãos desde o princípio. Trabalha, trabalha muito e afinadamente e conseguirás o que desejas e o que mereces: um carro grande, uma casa boa, uma vida melhor, mais cheia, mais conforme à imagem merecedora que tens de ti. *Negócio fechado* passa-se em Chicago, onde coabitam pessoas de todas as partes, de todas as proveniências, na América onde é possível que trabalhem numa mesma agência imobiliária pessoas unidas pelo sonho americano, que procuram vender propriedades de nomes pirosos a índios, polacos e indianos, que por sua vez foram para Chicago em busca do mesmo sonho.

Mamet trabalhou brevemente como agente imobiliário em Chicago nos anos 60. É judeu. Conhece bem a cidade, onde nasceu, cresceu e trabalhou. A cidade onde se matavam os porcos e as vacas que vinham de comboio de toda a parte da América, e onde se matava gente nos anos 30. O grande matadouro nas margens do lago, é a cidade dos imigrantes que iam dar às costas da América para seguir o sonho que era impossível sonhar numa Europa em guerra e com fome. Para compreender a peça, é preciso notar o papel que o vendedor tem na mitologia do sonho americano. Na América, vender é justo e digno.

Não se trata, portanto, de fazer dinheiro, nem de cobiça, nem de ganância. Uma venda é uma troca, uma oferta de sonhos a quem, porque trabalha, não tem tempo de os sonhar. Esta ode ao vendedor foi muitas vezes cantada e representada em filmes, na literatura e nos primeiros tempos da televisão. Faz parte do imaginário americano a imagem do vendedor amigável, que interrompia a vida aborrecida do subúrbio e entusiasmava a doméstica com as suas incansáveis demonstrações de produtos extraordinários, materializações do progresso e da liberdade que prometia a América. Mas a realidade é bem diferente. Nos escritórios da agência imobiliária, o sonho americano não é para todos: é para o melhor dos americanos, à custa dos outros. Um Cadillac para quem vender mais, um jogo de facas para o segundo e, para o último, o olho da rua.



Marques D'Arede, Alberto Quaresma, Miguel Martins, Paulo Guerreiro, Ivo Alexandre e Pedro Lima.

Vender, vender, vender

No início da peça, Mamet põe-nos à mesa de um restaurante chinês, onde o último classificado, nos aparece a vociferar com o chefe e a suplicar por uma oportunidade. Queixa-se do jogo, das regras, do Mundo. Antigamente, era o melhor, era conhecido por *Matador*. Mas antigamente tinha sorte, e as regras favorecem quem tem sorte e a sorte é madrasta. O verdadeiro sonho americano, é o dos que têm sorte. As regras do jogo não são justas. O sonho, sim, é justo. É certo, corresponde ao desejo de ver reconhecido o nosso esforço. Paradoxalmente, é desta convicção que todos temos, de sermos bons e merecedores daquilo que promete o Sonho, que nascem as tristes iniquidades de que trata a peça. É a senda pela sua prossecução que faz as personagens moverem-se, e que as põe umas contra as outras, que as faz lutar por vender, vender, vender.

Todos os vendedores trabalham e o melhor fica com tudo. Para mais, não há justiça nisto de ser melhor. Todos se esforçam igualmente, todos terão vidas e filhos e famílias e não será com certeza a criança de um mais merecedora do que a criança de outro. Para além disso, o seu trabalho, como vendedores, consis-

te em vender propriedades que não valem nada a pessoas que trabalham igualmente, e cujas crianças não merecem pior pão. Se fosse só isto, não seria mau. “É a vida...”, e encolhe-se os ombros, e continua-se e espera-se que a sorte mude, e continua-se a trabalhar. Mas a vida é inventada pelos homens, e os homens que a inventaram como um jogo fizeram-no quando já estavam a ganhar.

Os patrões, Mitch e Murray, os donos da empresa, que nunca aparecem na peça, contrataram um chefe de escritório que tem como responsabilidade distribuir a informação sobre potenciais clientes aos vendedores. Ora, neste jogo, a informação é soberana: um papalvo com dinheiro vale mais do que um esperto pobre. E os que vendem mais têm acesso aos maiores papalvos, e os maiores papalvos compram mais terrenos inúteis, e aqueles que os vendem são mais produtivos e, consequentemente, melhores vendedores. E ganham. Mas mesmo isto é a vida. É o jogo, que lhes é imposto pelo chefe, que por sua vez tem de apresentar resultados aos patrões que, esses sim, ganham sempre. Ninguém tem culpa, ninguém é intrinsecamente mau: mas a natureza humana revela-se nesta competição desenfreada, no seu lado mais sórdido e frio.

Matalote, Rapioca e Companhia

«Os gatos», de Eliot para os mais pequenos

A actriz Teresa Gafeira tem vindo a desenvolver desde os anos 90 um significativo e continuado trabalho de encenação de espectáculos para a infância. Sopa de pedras, Dona Raposa e outros animais, ou Verdi que te quero Verdi contam-se entre as suas criações fortemente aclamadas pelo público infantil.

São os gatos assim tão diferentes dos humanos? Ou existem verdadeiras semelhanças entre as personalidades de ambos? T. S. Eliot (1888–1965), Nobel da Literatura, acreditava que sim. É dele a obra *Old Possum's Book of Practical Cats*, publicada em 1939. A célebre obra é a base deste divertido musical que conta a história de vários gatos, cada um com personalidade e características próprias: o Tigre Rom Rom, um gato rebelde que não consegue evitar ser difícil e que nunca está satisfeito com o que lhe dão; a dupla Matalote e Rapioca, dois parceiros no crime especializados em saltar de telhado em telhado para cometerem pequenos roubos; e a gata Sara Pintada, que depois de preguiçar o dia inteiro passa a noite a ensinar música, tricot e crochet aos ratos, que considera uns seres muito mal comportados. “A canção dos Jélicos” (*The Jelicle cats*, no original) e “O nome dos gatos” são alguns dos célebres poemas de T.S. Eliot que também não podiam faltar neste musical.

Durante toda a década de 1930, T. S. Eliot ofereceu aos seus afilhados e amigos uma série de poemas. Enviados por carta – que ele assinava como “Old Possum”. Naquela altura, Eliot já se tinha consagrado como um dos grandes nomes da literatura do século XX. O que era para ser uma brincadeira acabou por se tornar um de seus trabalhos mais conhecidos, e quando recebeu o Nobel de literatura, em 1948, a sua fama tinha já extrapolado o meio académico.

M.J.E.



João Farraia, Pedro Walter, Joana Francampos e Miguel Martins

«Um dia os réus serão vocês» Em **defesa** da liberdade

Um dia os réus serão vocês: o julgamento de Álvaro Cunhal encena o julgamento do líder comunista em 1952, quando realizou a sua própria defesa, interpelando com desassombro o regime de Salazar. Integrado no centenário do nascimento de Cunhal, o espectáculo tem estreia marcada para o dia 25 de Abril.

O percurso de resistência de Álvaro Cunhal (1913-2005) conheceu em 1952 um momento decisivo: quando, entre os dias 2 e 9 de Maio desse ano, o líder comunista fez a sua própria defesa num julgamento realizado na sequência da sua detenção pela PIDE em Março de 1949 – altura em que, recusando-se a prestar declarações sobre as suas actividades políticas, foi barbaramente espancado por uma roda de agentes da polícia política, que o submetiam a um brutal programa de sevícias. Nessa intervenção histórica, em que Cunhal não poupou acusações relativas ao próprio processo de detenção, referindo «as inexactidões e grosseiras mentiras e calúnias» grafadas nas notas officiosas, o dirigente comunista realizou, com a inteligência brilhante dos génios, uma defesa que extravasou o seu caso particular, evocando naquele julgamento a história inteira da resistência e das conquistas dos movimentos operários democráticos no Mundo de então.

A independência nacional

Atacando o regime em todas as suas frentes, e designadamente as escolhas de Salazar no âmbito da sua estratégia de reposicionamento internacional de Portugal no Mundo, Cunhal defendeu serem “os comunistas os verdadeiros defensores da independência nacional, combatentes infatigáveis contra a dominação estrangeira” que nesse exacto momento emergia como um destino danado: “Nós queremos que as relações comerciais e financeiras de Portugal com os outros países sejam baseadas nos princípios da igualdade e do respeito dos interesses mútuos; queremos que a política seguida em Portugal seja efectivamente portuguesa, determinada pelos interesses da maioria da população portuguesa”.

Mas não só, já que também a repressão crescente aos comunistas portugueses, de formas cada vez mais violentas, constituiria matéria central nessa corajosa intervenção de Cunhal, que acusou a PIDE pelos assassinatos de Militão Ribeiro, José Moreira, Alfredo Lima e Carlos Pato, todos liquidados em 1950.

Conhecendo como poucos a realidade em que vivia o povo português e a oposição de consciência que dedicava ao regime opressor, Cunhal reiterou a firme intenção de continuar a resistir, afirmando ser o Partido Comunista Português um partido que não seria vencido, tão pouco a sua causa. “Podem estar certos de que o dia virá em que a consideração de todos os crimes do fascismo ocorrerá num outro julgamento: haverá um dia em que os réus serão vocês” – assim terminou Álvaro Cunhal a sua defesa. Condenado, passaria onze anos na prisão, oito dos quais em regime de isolamento. Integraria mais tarde o famoso grupo de fugitivos que em Janeiro de 1960 realizou a histórica Fuga de Peniche.

Homenagem a todos, mulheres e homens, heróis anónimos que dedicaram as suas vidas à defesa da Liberdade, muitos desaparecidos às mãos criminosas e jamais julgadas da PIDE (permanecem nesta data por fazer os julgamentos das acções criminosas do Estado Novo), o espectáculo é um contributo para a preservação da memória da resistência anti-fascista que colaborou para a queda do regime deposto em 1974.

S.A.



Teatro Municipal Joaquim Benite: O ano zero de um caminho recomeçado

Com a morte de Joaquim Benite, desaparece um dos Mestres do movimento de Renovação do teatro português iniciado nos anos 70. No dia de estreia do seu último espectáculo, *Timão de Atenas*, a 22 de Dezembro de 2012, a Câmara de Almada anunciou que o seu teatro municipal passaria a chamar-se Teatro Municipal Joaquim Benite. A Companhia de Teatro de Almada assumiu que incluiria nos seus reportórios vindouros a reposição dos espectáculos mais marcantes do seu fundador, cumprindo desta forma a sua responsabilidade na divulgação do significativo legado de Joaquim Benite. O Festival de Almada 2013 será a ocasião para a Homenagem que está neste momento a ser preparada, primeira pedra de um programa mais vasto de preservação dessa memória e património. Nesta primeira edição de 2013 recuperamos alguns dos numerosos textos publicados na imprensa sobre o fundador do TMA, por ocasião do seu desaparecimento.

O crítico e o fazedor



AUGUSTO M. SEABRA
CRÍTICO DE TEATRO E CINEMA

Há já uns tempos falávamos, o Joaquim Benite e eu, da tão pouco lembrada Luzia Maria Martins, e do singular repertório que apresentava no Teatro Estúdio de Lisboa, de contemporâneos mas também de clássicos muito pouco levados à cena – e o caso era concreta-

mente o do autor oitocentista russo Alexander Ostrovsky. Foi a oportunidade de, tantos anos volvidos, décadas mesmo, dizer a Benite que ele havia sido, nas páginas do *Diário de Lisboa*, o primeiro crítico de teatro que eu me tinha habituado a ler – um dos primeiros a despertar-me a curiosidade e o interesse pelo teatro, e por saber vê-lo e sobre ele reflectir, e mesmo também um dos primeiros a suscitar-me a compreensão da importância da crítica em geral.

Mas ele não queria apenas escrever sobre teatro, queria praticá-lo. Foi assim que Carlos Porto o substitui nas páginas daquele jornal, enquanto Benite partia para a aventura do Grupo de Teatro de Campolide. O agrupamento era “amador”, mas estritamente apenas em termos do estatuto profissional, já que em termos concretos de práticas cénicas se

inscreveu no decisivo florescimento dos grupos de teatro independentes no início dos anos 1970, com Os Bonecreiros, a Comuna, a Cornucópia e os Cómicos.

Especialmente importante nessa altura foi a sua colaboração com o escritor e dramaturgo Virgílio Martinho, mormente em *Filopopulus*, espectáculo sobre o poder autocrático e a sua demagogia, de tantas ressonâncias no Portugal então ainda da ditadura.

Veio o 25 de Abril e, primeiro, o Grupo de Campolide profissionalizou-se, e mais tarde transferiu-se de Lisboa para a Margem Sul, vindo a tornar-se na Companhia de Teatro de Almada. Dir-se-á que o sítio é ainda o da área metropolitana da capital, mas Benite foi construindo uma companhia, um teatro e um público próprios. Se é pouco provável que o

público de Almada viesse a Lisboa ver teatro, ou para isso ficasse depois do trabalho, passou a ocorrer o contrário: foi público de Lisboa que se foi acostumando a ir ver teatro a Almada.

E em 1984 surgiu por sua iniciativa o Festival de Teatro de Almada, que mantendo aí o seu epicentro se alargaria a Lisboa, e que tão decisivamente mudou a nossa percepção das contemporaneidades teatrais, rasgando horizontes de cosmopolitismo, com tantos e tantos espectáculos de encenadores maiores.

Joaquim Benite dirigiu, entre muitos outros, um texto de Thomas Bernhard, *O Fazedor do Teatro*. É a designação mais apropriada para ele próprio que, partindo da crítica, de tantos modos foi um exemplar fazedor de teatro. **Público | 05-12-2012**

Um mestre de gerações



FILOMENA OLIVEIRA
DRAMATURGA. ENCENADORA

MIGUEL REAL
ROMANCISTA. ENSAÍSTA. DRAMATURGO

Joaquim Benite foi não só um dos grandes encenadores portugueses e europeus e um dos mais empenhados e mais lúcidos “trabalhadores do teatro” (como se auto-classificava) da segunda metade do século XX, como a sua visão do teatro se integrava num explícito projecto cultural para Portugal, alimentado por quatro veios nervosos, que, cruzados e unificados na criação da Companhia de Teatro de Almada (CTA) e do Festival de Teatro de Almada, lhe desenharam uma vida de luta, de resistência e de esperança, ora extinta fisicamente, mas não espiritualmente.

Em primeiro lugar, uma concepção cosmopolita e internacionalista da arte da representação, recusando nacionalismos ideológicos ou sectarismos políti-

cos, fazendo a Companhia participar nos grandes movimentos teatrais europeus, tanto na criação de espetáculos quanto na recepção destes, fossem europeus, mediterrânicos, africanos ou da América Latina. Não só por Joaquim Benite, mas sobretudo também por ele, passou grande parte da internacionalização do teatro português a partir da década de 1980. A estratégia de internacionalização da CTA, concretizada no Festival de Almada, foi absolutamente singular no espaço cultural português e devia merecer um detalhadíssimo estudo de caso, próprio de uma tese de doutoramento. Não se tratou de ir ao estrangeiro apresentar espectáculos, ou de receber estes em Portugal. Diferentemente, cada peça recebida constituía objecto de estudo de modo a preencher uma lacuna ou uma actualização no processo formativo português ligado à arte do teatro.

Em segundo lugar, um apurado conhecimento estético do teatro. Poucos encenadores portugueses possuirão porventura o conhecimento pormenorizado da história do teatro que Joaquim Benite possuía, as correntes dramáticas, os fundamentos filosóficos das diferentes opções de encenação, as matrizes da caracterização de personagens, o leque de opções na construção de diálogos, as harmonias entre luz, música e palavra. Verdadeiramente, de peças clássicas encenadas realisticamente a peças modernistas encenadas vanguardisticamente, nenhum grande texto de teatro,

reflexo de uma vibrante corrente cultural, esteve ausente dos palcos dirigidos por Joaquim Benite; nenhum grande autor teatral europeu, da Grécia clássica ao pós-modernismo francês e inglês, esteve ausente do repertório da CTA – e tanto encenou Corneille e Racine, Goldoni e Shakespeare, quanto Brecht e Thomas Bernardt, bem como autores portugueses, como, por exemplo, Almeida Garrett, José Saramago, Virgílio Martinho e Rodrigo Francisco.

Em terceiro lugar, a sua aposta na descentralização cultural. Não foi a única, como o evidenciam o GENDREV, em Évora, o Teatro da Serra do Montemuro ou o Bando, em Palmela entre outros. Mas é – indubitavelmente – a de maior projeção nacional e internacional, tendo ajudado vigorosamente a colocar no mapa cultural português e europeu uma cidade sem história dos subúrbios lisboetas como Almada. Basta pensarmos na Amadora, no Cacém, em Loures, Oeiras ou em Setúbal para de imediato percebermos como culturalmente falando, Benite e os seus companheiros injectaram em Almada um pujante acréscimo cultural, tornando-se de certo modo, o rosto cultural da cidade para efeitos exteriores. Justifica-se, assim, que o município retribuísse o prestígio acrescido que a Companhia trouxera para a cidade, atribuindo-lhe a direcção do “Teatro Azul”, actualmente um dos melhores teatros europeus e uma bela peça de arte arquitectónica.

Finalmente, em quarto lugar, a busca e a conquista de uma ampla base popular para a sua Companhia e para o seu Festival. Quem frequenta as suas instalações (as antigas e as atuais) sabe que nas cadeiras de Almada se misturam o intelectual mais bairroaltino com o trabalhador mais tradicional, irmanados no objectivo de aliar o prazer estético do espectáculo com o empenhamento cívico do cidadão. Uns privilegiarão mais esta última vertente, outras aquela, mas todos encontravam no repertório da CTA e do Festival motivo suficiente tanto para o prazer dos sentidos quanto para a reflexão interventiva.

Esta foi a base do segredo de Joaquim Benite – a não separação entre a representação (o teatro) e a vida real, social, política, económica, ou, noutras palavras, a aliança inextricável entre o deleite estético e o empenhamento cultural. Transformar uma peça num motivo cultural significa vincular o teatro às suas raízes sociais mais fundas, integrando-o, como lição para o presente histórico, no movimento social de que se originou e foi expressão.

Caro Joaquim, não nos víamos há um ano. Não voltaremos a encontrar-nos. Lamentamos. Nós é que perdemos a lição de um Mestre, habitualmente enquanto jantávamos ou no convívio a seguir às estreias.

Benite



JOSÉ MÁRIO SILVA

ESCRITOR. CRÍTICO LITERÁRIO

1 Quando penso no Joaquim, a primeira coisa que recordo é a voz. Ao contrário da fisionomia, na minha memória a sua voz nunca mudou. Era uma voz escura, ao mesmo tempo áspera e de veludo, uma voz de tabaco. Voz teatral, das que se fazem ouvir no outro lado do palco, voz a erguer-se do fundo da plateia, a encher a sala quando é preciso avisar o actor de que a marcação não é assim, de que falta qualquer coisa num gesto, de que o silêncio naquela cena de Tchekhov devia durar mais (ou menos). Agora, o silêncio durará para sempre. A voz calou-se. E ainda não me habituei à sua ausência.

2. Em Julho de 1984, eu tinha 12 anos. A poucos metros de minha casa, no coração de Almada Velha, ficava o Beco dos Tanoeiros. Chão empedrado, casas baixas, janelas abertas, bancos corridos, um palco de madeira ao fundo da rua estreita. Por cima, o céu de verão. Eu já sabia o que era o teatro, já vira algumas peças, mas foi ali que me tornei espectador. Ali, no berço do Festival de Teatro de Almada, esse projecto que cresceu como uma planta ávida de luz, alastrando pela cidade, ganhando corpo e dimensão internacional, até se tornar um dos maiores acontecimentos da cultura deste País. Na minha cabeça, acende-se um mapa: Pátio do Prior do Crato, Palácio da Cerca (de onde se apreciava a mais bela vista de Lisboa, Tejo e tudo) o minúsculo Teatro Municipal antigo (de colunas vermelhas à entrada), o moderníssimo e amplo Teatro Azul, as bancadas íngremes da Escola António Costa (onde em tempos fiz o chamado Ciclo Preparatório). Em todos esses lugares fui assistindo ao milagre da criação de um público, essa «obra-prima» do Joaquim, como lhe chamou Jorge Silva Melo, e não podia estar mais certo. Quando trocou Campolide pela Margem Sul, Benite seguiu de certa forma o que Bernard

Sobel fizera nos anos 60 em Paris, ao sair do centro para a periferia suburbana (Gennevilliers) com o propósito de começar do zero um teatro que nascesse da comunidade, ao serviço da comunidade. Era uma tarefa difícil, muito difícil, mas passo a passo cumpriu-se.

3. Ao longo dos anos, nos convívios após os espectáculos, quando os actores já haviam deixado os personagens e a adrenalina cénica nos camarins, aparecendo à nossa frente como quem sai cansado do emprego e bebe um copo com os amigos, nesses encontros em que o Joaquim sorria muito, feliz de ver a máquina do teatro a mostrar as suas entranhas, falei muitas vezes com ele sobre o que acabara de acontecer no palco. Nem sempre estávamos de acordo e creio que isso o animava. Perdia-se em discussões longas, argumentativas, apaixonadas porque não entendia o teatro como um lugar de consensos. Exigente por natureza, consigo e com os outros, agradecia a exigência do seu público. Respeitava-a. E partilhava a sua visão dramaturgicamente, explicava as suas escolhas, justificava a vinda de um determinado encenador ou daquela companhia andaluz. Sempre tive a

sensação de que para ele o teatro começava muito antes do primeiro ensaio e continuava muito depois da última representação. O teatro era a própria matéria dos dias, uma forma de respirar.

4. Quando olho para trás, vejo uma amálgama de espectáculos. Personagens de Brecht num cenário de Beckett. Monólogos e coros gregos. A história dos homens, contada do princípio, uma e outra vez. Palavras ditas à boca de cena, murmúrios e gritos. O mundo inteiro atrás da cortina que se abre, interrompe a vida, reinventa a vida, e depois se fecha. Lá atrás, na sombra, o Joaquim.

5. Na tarde em que desci a alameda do cemitério, uma multidão enterrava os pés na lama, por baixo de um céu diluviano. Eram centenas de pessoas: amigos, companheiros de ofício, espectadores agradecidos. Houve quem falasse do Joaquim, quem lembrasse a sua obra. Não consegui ouvir essas despedidas. Ao sair do Alto de São João, debaixo da chuva, acompanhou-me a voz de veludo e tabaco: «Depois apagam-se as luzes e tudo acaba, não é?». *Revista Ler* | 01-01-2013

O director de teatro, o Joaquim



JORGE SILVA MELO

DRAMATURGO. ENCENADOR. REALIZADOR

Era, sim senhor, era rezingão, intempestivo, rabugento, teimoso: como com todos os directores de teatro (e ele gostava de Mozart e de Thomas Bernhard, que sobre esses empresários em extinção escreveram páginas verrinosas, tão cheias de humor e dor), era essa a consequência inevitável do seu enorme entusiasmo. Veio da crítica, como alguns de nós (ele, o Luís Miguel Cintra, eu) que, nos anos do marcelismo, não queríamos nada o teatro que andava a ser repetido até à mais incomensurável chaticice, e pobrezitos, lá vínhamos altas horas do Monte Carlo (ao Saldanha) já de máquina em riste, atacávamos o que podíamos, tremendos, injustos até, apaixonados de certeza – até conseguirmos, ainda na Ditadura, formar família, casar (quem casa quer casa).

Sabia tudo menos inglês (são os cinco anos que nos separam aqueles em que se começaram a ouvir os Beatles e a esquecer Prévert – e até o Johnny Halliday, francês, assim se chamava) sabia tudo e gostava de teatro, gostava mesmo e de actrizes cabotinas como alguma castelhanas que admirara e trazia. E, caso raríssimo (não só entre nós) o Joaquim foi um vencedor. Em Campolide, no Trindade, depois em Almada (velha e agora nova) conseguiu falar ininterruptamente com uma comunidade que o ouvia, seguia, ripostava, admirava, temia,

resmungava e voltava a amar, ai quem nos dera. Foi a sua obra-prima: os espectadores de Almada, as pessoas mais calorosas (e numerosas) do Teatro por cá, amigos dele e de quem os visitava, amigos. E claro, o Festival.

A partir da histórica passagem do Miguel (Lobo Antunes) no CCB, Lisboa passou a ser Almada em Julho – permitindo assim conhecermos ora o Berliner, ora os Stan, o Piccolo, Veronese ou o Young Vic. E com aqueles espectadores atentos, tão atentos, novos, velhos, meus amigos. E o Benite, conseguiu, é um vencedor: franco, teimoso, obstinado, culto. E terno, rápido e terno, ferozmente terno, claro. Por muito amargurado, ofendido, preocupado com a mísera sorte de todos nós – ele, com quem partilhei o delicadíssimo prazer do jornalismo, da política e da má-língua – conseguiu.

O Teatro Municipal de Almada, a sua excelente equipa (são meus amigos, vi-os crescer, cortar cabelo, engordar, encarecer), os seus maravilhosos espectadores, esse milagre de trabalho, ninguém os vencerá. “*Ritorna vincitore!*”, poder-se-ia cantar, ele deveria gostar de Verdi e do seu amplo gesto insurreccional. E eu não me esqueço que foi na sua sala (a velha) que, com um *cachet* de 1500 euros, fizemos, nós, os Artistas Unidos, a nossa primeira produção, *Prometeu-Rascunhos* (375 euros para cada actor, foi o que houve, era o que havia – e fizemos, homessa!).

E da última ceia que tivemos, com ele já muito doente, mas divertidíssimo, em Julho de 2011, com os meus amigos François Chattot e Martine Schambacher depois do extraordinário *Que faire?* que fizeram no palco da Escola [D. António da Costa]: o Joaquim não se esqueceu que adoro pataniscas – e ficámos até às tantas, entre amigos.

Obrigado, Joaquim.

Público | 06-12-2012

Teatro e política



MANUEL GUSMÃO

POETA. ENSAÍSTA

Joaquim Benite começou como jornalista, antes de vir a dedicar-se ao teatro. Trabalhou no jornal *República* e, depois, no *Diário de Lisboa*, e foi chefe de redacção de *O século* e *O diário*. Fez crítica de teatro no *Diário de Lisboa*. Jornalista e homem de teatro, antes do 25 de Abril, Benite tinha inevitavelmente que encontrar-se, no quadro de qualquer uma das duas profissões, com a questão da política. O encontro deu-se – tornou-se militante comunista – e foi daqueles que duraram uma vida.

Em 1970 funda o Grupo de Campolide, com *O avançado-centro morreu ao amanhecer*, de Agustin Cuzanni. No ano seguinte, ganhou Prémio da Crítica com *Aventuras do grande D. Quixote de la Mancha* e *do gordo Sancho Pança*, de António José da Silva. A escolha destas duas peças é significativa dos modos como entende o papel político do seu teatro. Por um lado a escolha de uma peça do reportório internacional e, sobretudo, a escolha de um autor, (o judeu), vítima no passado de uma censura violenta e que, por essa altura, tinha sido escolhido num outro texto pela nascente Cornucópia. Em 1978 a sua companhia instala-se em Almada, que

transformou num dos principais focos teatrais do País, cuja realização máxima será porventura o Festival de Almada, criado em 1984, e que em 2013 terá a sua 30ª edição. Em 1988 inaugura o primeiro Teatro Municipal dessa cidade, e em 2005 é finalmente concluído o projecto do novo teatro.

Joaquim Benite fazia parte daqueles que vêm no teatro a mais directa e a mais poderosa interpelação artística da ordem social e política das cidades. No teatro, o drama político será sempre uma configuração do tempo contemporâneo, do tempo actual. Na tragédia grega antiga, em cena, o que se passava era frequentemente o cruzamento ou a sobreposição dos elementos do drama familiar e do drama do herói perante a cidade.

O conhecido requisito de Platão na *Répubblica*, contra os poetas trágicos, era claramente o desenvolvimento de uma argumentação política, mesmo se aí pesavam também posições de carácter ontológico. Benite, como outros, retirava daí a possibilidade de argumentar politicamente a partir de um texto, ou com um texto. E essa argumentação, sustentada por corpos e vozes do presente podia ser praticada e vivida como uma acção histórica.

O carácter político da arte do teatro não era assim vivido e trabalhado como uma simplificação grosseira, mas como um fenómeno de complexificação do viver social, que se mostrava como o plano de radicação dos conflitos entre humanos. E na representação desses conflitos o tempo presente coloca as suas exigências e as suas urgências.

Público | 06-12-2012

Rodrigo Francisco, **continuidade** e renovação

SARAH ADAMOPOULOS

Rodrigo Francisco entrou no teatro pela porta de trás quando, em 1997, mentiu na idade (ainda só tinha 15 anos) para poder trabalhar na montagem da peça *O carteiro de Neruda*, de Antonio Skármeta / Carlos Porto, estreada por ocasião da edição desse ano do Festival de Almada. Um espectáculo que só veria meses depois, quando nesse Outono a peça fez carreira no antigo Teatro Municipal de Almada. E foi só então que nasceu para o teatro – ou o teatro para ele (vá-se lá saber o que ao certo se passa no momento em que se faz uma descoberta que muda a vida): quando da plateia onde jamais se sentara até esse dia, se confrontou pela primeira vez com o teatro, ao ver iluminadas as madeiras e a areia que andara a carregar durante a montagem da peça. “Até esse momento eram só tábuas de madeira e areia pesadíssima, mas nesse dia, quando a luz se acendeu, tive um choque: como é que aquelas coisas iluminadas resultavam em algo tão belo? A imagem do André Gomes na pele de Neruda, sentado na praia, ficará para sempre gravada na minha memória.”

Joaquim Benite era nessa altura para Rodrigo Francisco uma figura distante, de quem o então rapaz ouvia falar como se de “uma entidade abstracta”, alguém que tomava as decisões que iam alterando a ordem das coisas durante a montagem do espectáculo. “Não conhecia ainda o Joaquim, e nem sequer sabia o que era um encenador.” A peça de José Sanchis Sinisterra *O cerco de Leninegrado*, estreada em 1998, seria a sua segunda experiência na montagem de um espectáculo de teatro, dessa feita na qualidade de contra-regra. “A minha tarefa era mandar farinha sobre a Fernanda Alves no final do espectáculo” naquele que num texto seu Rodrigo Francisco considerou o seu “primeiro acto artístico”: “Dois pacotes inteiros de farinha por cima da Fernanda Alves e da Fernanda Borsatti”, lançados imediatamente após a deixa “Vamos, puxa a carroça, vai começar a nevar”. “As duas actrizes começavam a sair pelo fundo do palco”, escreveu, “e depois a Fernanda Alves parava, dava-me a deixa, e eu, na teia do antigo Teatro Municipal, ia até onde elas estavam e descarregava-lhes dois quilos de Branca de Neve para cima, a simular uma derrocada”.

O miúdo que gostava de literatura

Foi durante os ensaios para a peça *Memorial do convento*, estreada em 1999, que Joaquim Benite descobriu entre os figurantes aquele rapaz da farinha a ler um livro: “um puto que lia durante os intervalos dos ensaios”, e em quem Benite reparou, precisamente por causa do livro. “Foi a fazer essa figuração que descobri o que era um encenador, e o que era a construção de um espectáculo de teatro”. Por esses dias, Rodrigo Francisco colaborava com textos seus para o *DN Jovem* (publicação que deu à costa vários escritores) e publicava contos no *DNA*. Seria pelos livros que os dois homens se ligariam – o miúdo de Almada que gostava de literatura e o encenador que construiu a sua obra em torno dela. “Descobri no Joaquim um homem que fazia da literatura a sua vida. Nunca tinha conhecido alguém assim, que não sendo escritor tivesse essa ligação aos livros e à escrita. O Joaquim era um ser profundamente sensível, embora essa sensibilidade estivesse um tanto escondida por detrás daquela personalidade forte que eu via a dirigir os actores.”

No teatro dirigido por Joaquim Benite aprendeu quase tudo o que sabe hoje, incluindo as línguas es-

panhola e francesa, que até então nunca tinha falado. Depois, no âmbito dos seus estudos universitários, foi para Nápoles e aprendeu italiano, o que muito agradou ao encenador, frequentemente em contacto com o teatro e com os encenadores de Itália. Juntos começaram a escrever e a editar os livros e as outras publicações que desde sempre documentam a actividade da Companhia de Teatro de Almada. “Fiz tradu-

ao conjunto de saberes e ofícios do teatro, formação prática que Benite revestiu de ensinamentos artísticos e éticos. Até ao dia em que lhe disse que estava pronto, e que o que lhe faltava aprender já não seria ele a mostrar-lhe.

A partir de 2009/2010, Joaquim Benite passou a partilhar com Rodrigo Francisco as funções de direcção do Teatro Municipal de Almada, da Companhia de Teatro de Almada e do Festival de Almada. Dedicção a toda a prova – eis o que talvez melhor definiu a relação que uniu mestre e discípulo em torno de um projecto que Joaquim Benite sabia ter construído para lhe sobreviver. À imagem dos velhos ofícios, aprendeu com Benite (“um homem exigente, por vezes inflexível, mas também muito terno e sensível”) o amor à literatura, a procura incondicional da excelência, mas também a dedicação ao teatro: a resiliência de que se faz o Teatro de Arte vivido como tal, na prática dos dias inteiros passados no escuro. Não haverá porventura outra forma de dirigir uma companhia como a CTA, tão pouco um Festival com a importância do de Almada. Nenhuma universidade poderia ter ensinado a Rodrigo Francisco o que aprendeu em quinze anos de formação com o seu Mestre.



Contradição dinâmica

Sequência lógica e desejada por ambos, em Dezembro de 2012, com o desaparecimento de Joaquim Benite, Rodrigo Francisco assumiu a direcção do Teatro, da Companhia e do Festival, empenhado em prosseguir o projecto que já vinha a encabeçar desde 2011, quando o seu director adoeceu. Propondo-se trabalhar com a equipa de gente formada por Benite, a que se acrescentam alguns seus fiéis colaboradores de sempre, o novo director anuncia neste início de 2013 a intenção de repor, à razão de duas por temporada, as peças que Joaquim Benite encenou – mas também a de manter aberta a porta que o encenador abriu há muito a autores contemporâneos e a outros encenadores. “Continuidade e renovação”, eis o binómio que Rodrigo Francisco escolhe para definir um projecto que doravante assentará no teatro de reportório, mas também nas dramaturgias contemporâneas. “Naturalidade por um lado. Plena consciência do que é a arte por outro”, dizia o Bruscon de Thomas Bernhard [da peça *O fazedor de teatro*] para falar dessa contradição que os encenadores pedem aos actores. É essa a linha dialéctica que vai ser mantida.”

ções, ocupei-me do serviço de imprensa, enfim, fiz de tudo um pouco. O Joaquim era um *maître à vivre* [por oposição a *maître à penser*], foi-me ensinando tudo, e eu, sem me aperceber, fui passando por pontos-chave da actividade de uma companhia teatral. No início pela produção e pela técnica, depois pelos textos de teatro, pelas relações com a imprensa, pela divulgação junto do público, e em 2006 fui pela primeira vez assistente de encenação do Joaquim, na peça de Molière *Don Juan*. Quase sem dar por isso, deu a volta



Nº 14
Janeiro - Junho
de 2013

Director **Rodrigo Francisco** Edição **Sarah Adamopoulos** Colaboram neste número **Augusto M. Seabra, Catarina Neves, Gil dos Santos, Jorge Silva Melo, José Mário Silva, Manuel Gusmão, Maria João Espadinha, Miguel Real e Filomena Oliveira, Rui Lagartinho, Sarah Adamopoulos** Composição **TMA Grafismo** **Gonçalo Marto e João Gaspar** Fotografia **Rui Mateus** Ilustrações **Raquel Diniz** Impressão **Grafedisport**, impressão e artes gráficas, **Sa** Propriedade, distribuição e publicidade **Companhia de Teatro de Almada, CRL** Publicação Semestral de Distribuição Gratuita

Contactos: **Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, 2804-503 Almada** Telefone: 21 273 93 60 | Fax.: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt | www.ctalmada.pt

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE JAN JUN 2013

FEVEREIRO

Companhia de Teatro de Almada **SALA PRINCIPAL** **TEATRO CRIAÇÃO**
TIMÃO DE ATENAS 9 JAN A 3 FEV

Companhia de Teatro de Almada **SALA DE ENSAIOS** **TEATRO CRIAÇÃO**
OS GATOS 5 A 12

ACTA - A Companhia de Teatro do Algarve **SALA EXPERIMENTAL** **TEATRO**
CAVALO MANCO NÃO TROTA SEX 8 SÁB 9 DOM 10

SARA TAVARES **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SÁB 9

Diogo Infante **SALA PRINCIPAL** **TEATRO**
PREOCUPO-ME, LOGO EXISTO SEX 15 SÁB 16

ALDALBERTO SILVA SILVA **SALA EXPERIMENTAL** **TEATRO**
 SEX 15 SÁB 16 DOM 17

Coral Sinfónico de Portugal **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
A CRIAÇÃO, DE HAYDN DOM 24

MARÇO

UHF **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SEX 1

Companhia de Teatro de Braga **SALA EXPERIMENTAL** **TEATRO**
CONVERSA COM HOMEM-ROUPEIRO SÁB 2

ORQUESTRA GULBENKIAN **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SEX 8

Teatro Nacional D. Maria II **SALA PRINCIPAL** **TEATRO**
GIL VICENTE NA HORTA QUI 14 SEX 15 SÁB 16 DOM 17

NORBERTO LOBO **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SÁB 23

Companhia de Teatro de Almada **SALA EXPERIMENTAL** **TEATRO CRIAÇÃO**
NEGÓCIO FECHADO 28 MAR A 28 ABR

VOARTE **SALA PRINCIPAL** **DANÇA CRIAÇÃO**
FRAGILE SEX 29 SÁB 30

ABRIL

Artistas Unidos **SALA PRINCIPAL** **TEATRO**
A ESTALAJADEIRA QUI 4 SEX 5 SÁB 6 DOM 7

VERA MANTERO, TRÊS SOLOS **SALA PRINCIPAL** **DANÇA**
 SEX 12

CICLO SALA EXPERIMENTAL

João Mamede e Pedro Loureiro **TEATRO**
PLAYGROUND SESSION SÁB 23 FEV

Bernardo Chatillon **TEATRO**
É SOBRE MOTIVAÇÃO... QUI 28 FEV

LULA PENA **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SÁB 13

ANTÓNIO MARIA CARTAXO **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SÁB 20

Companhia de Teatro de Almada **SALA PRINCIPAL** **TEATRO CRIAÇÃO**
UM DIA OS RÉUS SERÃO VOCÊS: O JULGAMENTO DE ÁLVARO CUNHAL QUI 25 SEX 26 SÁB 27 DOM 28

MAIO

Cine-Teatro Constantino Nery **SALA PRINCIPAL** **TEATRO**
A ELEGANTE MELANCOLIA DO CREPÚSCULO SEX 3

JANITA SALOMÉ **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SÁB 4

Companhia de Teatro de Almada **SALA EXPERIMENTAL** **TEATRO REPOSIÇÃO**
A PURGA DO BEBÉ 4 A 24

Companhia de Ópera do Castelo **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
MISSÃO (IM)POSSÍVEL SÁB 11 DOM 12

Teatro da Terra **SALA PRINCIPAL** **TEATRO**
CHÃO DE ÁGUA SEX 17

Orquestra de Câmara Portuguesa **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
BEETHOVEN TROCADO POR MIÚDOS DOM 19

ORQUESTRA ACADÉMICA METROPOLITANA **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SEX 24

Companhia Olga Roriz **SALA PRINCIPAL** **DANÇA CRIAÇÃO**
A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA QUA 29 QUI 30 SEX 31

JUNHO

Sofia Dias & Vitor Roriz **SALA EXPERIMENTAL** **DANÇA**
UM GESTO QUE NÃO PASSA DE UMA AMEAÇA SÁB 1

RODRIGO COSTA FÉLIX **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SÁB 1

ORQUESTRA METROPOLITANA **SALA PRINCIPAL** **MÚSICA**
 SEX 7

Companhia de Teatro de Braga **SALA PRINCIPAL** **TEATRO**
ORESTEIA DOM 9

Associação Cultural TRUTA **SALA EXPERIMENTAL** **TEATRO**
BUCHA E ESTICA SEX 21 SÁB 22 DOM 23

Tiago Cadete e Raquel André **TEATRO**
TURBO-LENTO SÁB 8 JUN

Silly Season **TEATRO**
T-REX SÁB 15 JUN

NESTA POUPANÇA O PRAZO É SEU.



Montepio **Poupança Complementar**



Montepio

Valores que crescem consigo.

Às vezes dava-nos jeito que as nossas poupanças ficassem mais uns aninhos no banco, ou pelo contrário, que não tivéssemos de esperar tanto para as levantarmos. Pois bem, na **Poupança Complementar** do Montepio, quem decide prazos é o Associado. Nesta modalidade mutualista, os Associados têm a poupança disponível ao longo da sua vida e sempre com rendimento garantido. O mínimo de subscrição é de 150€, sendo possível optar por subscrições livres ou subscrições programadas, a partir de 12,50€ por mês.

TORNE-SE ASSOCIADO. JUNTE-SE À MAIOR ASSOCIAÇÃO MUTUALISTA DO PAÍS.

Não dispensa a leitura dos Estatutos e Regulamento de Benefícios do Montepio Geral – Associação Mutualista.

808 20 26 26 (atendimento personalizado das 07h00 à 01h00).

www.montepio.pt